

EXPECTATIVAS DO MERCADO

A economia dos Estados Unidos desacelerou no primeiro trimestre deste ano, com o Produto Interno Bruto (PIB) do país crescendo, em termos anualizados, 0,8%, ante 0,5% estimado anteriormente. Esse foi o resultado mais fraco desde o primeiro trimestre de 2015. Outro indicador importante, o Índice de Gerentes de Compra (PMI, do inglês Purchasing Manager's Index), divulgado pela Markit, caiu para 50,7 em maio, frente 50,8 em abril, o menor nível desde setembro de 2009. Com os dados recentes do mercado americano, a perspectiva de aumento das taxas de juros foi postergada para setembro.

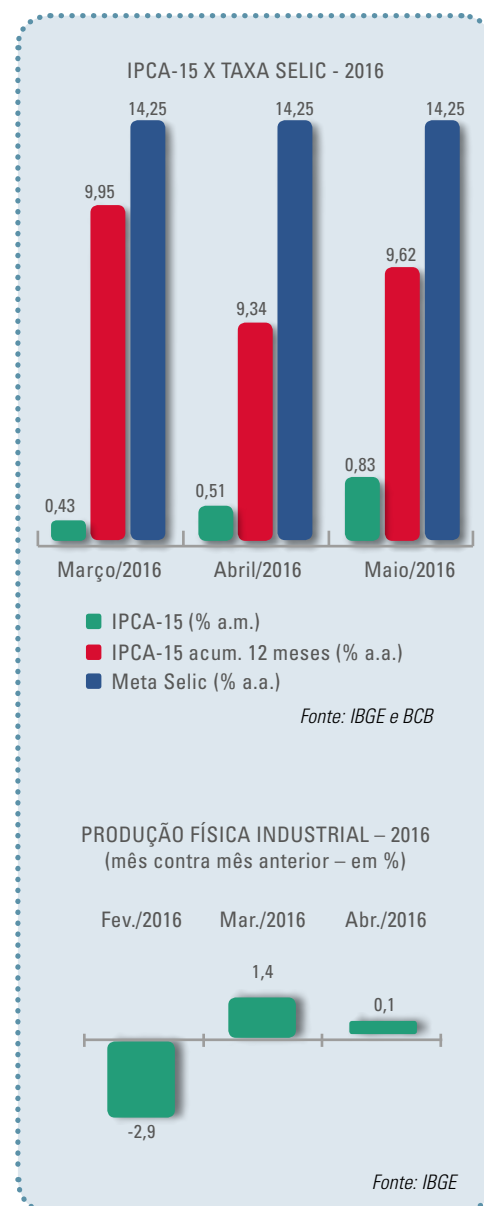
O PIB dos 19 países da Zona do Euro, por sua vez, cresceu 0,6% no primeiro trimestre deste ano, sustentado pelos gastos das famílias e pelos investimentos, segundo a agência de estatísticas da União Europeia (Eurostat). Na comparação com o primeiro trimestre de 2015, o crescimento foi mais expressivo, de 1,7%. Já o PMI final da Markit para a Zona do Euro caiu ao menor patamar em três meses, para 51,5 em maio, depois de bater nos 51,7 em abril.

A economia chinesa, a segunda maior do mundo, continua em processo de desaceleração. O PIB do país cresceu 6,7% no

primeiro trimestre deste ano, o pior desempenho trimestral dos últimos sete anos.

No Brasil, a aprovação, pelo Congresso, da meta fiscal para 2016 (deficit de R\$ 170,5 bilhões) foi importante e colocou em evidência o tamanho do desequilíbrio das contas públicas. Do lado monetário, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB), na sua última reunião, manteve a taxa básica de juros (Selic) em 14,25% ao ano (a.a.), para continuar a conter a inflação. Tem ajudado também, nesse sentido, a valorização cambial, que torna os insumos importados mais baratos, pressionando menos a inflação.

As expectativas de agentes do mercado financeiro (Boletim Focus, de 17 de junho de 2016) são de queda de 3,44% do PIB, em 2016, só voltando a crescer nos anos seguintes. A inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), continuará em patamar elevado (7,25% a.a.), fechando 2016 acima do teto da meta (6,5%).



EXPECTATIVAS DO MERCADO

	UNIDADE DE MEDIDA	2016	2017	2018	2019	2020
PIB	% A.A. NO ANO	-3,4	1,0	2,0	2,0	2,1
IPCA	% A.A. NO ANO	7,25	5,50	5,00	4,50	4,50
TAXA SELIC	% A.A. EM DEZ.	13,00	11,25	10,50	10,00	10,00
TAXA DE CâMBIO	R\$/US\$ EM DEZ.	3,60	3,80	3,90	4,00	4,00

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- Os donos de negócio no Brasil: análise por grau de informatização, faixa de renda e escolaridade;
 - Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas 2014-2015.
- Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

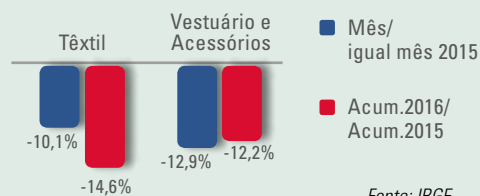
NOTÍCIAS SETORIAIS

COMÉRCIO
VAREJISTA

O comércio varejista, que concentra cerca de 42% dos Pequenos Negócios, registrou alta de 0,5% no volume de vendas e de 1,2% na receita nominal, em abril deste ano sobre o mês anterior, feito o ajuste sazonal. Porém, acumula retração de 6,9% no volume de vendas, enquanto a receita nominal registra alta de 4,8%, nos primeiros quatro meses do ano. Os segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação e de livros, jornais, revistas e papelaria foram os que registraram as maiores perdas no volume de vendas, no acumulado deste ano (-16,2% e -15,5%, respectivamente). O comércio varejista continua a sofrer os reflexos da crise econômica e não há perspectiva de reversão desse quadro no curto prazo.

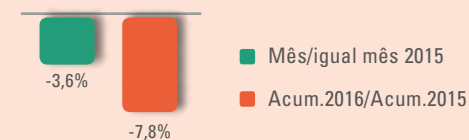
TÊXTIL E
VESTUÁRIO

A produção da indústria têxtil, em abril, caiu 3% ante o mês anterior, anulando parte do ganho de 10,2% obtido em março. Na comparação com igual mês de 2015, a queda foi de 10,1%. A confecção de artigos do vestuário e acessórios também apresentou retrações de, respectivamente, 8,1% e 12,9%. A balança comercial fechou os primeiros cinco meses deste ano com déficit de US\$ 798,6 milhões.

TÊXTIL E VESTUÁRIO
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (abril/2016)

CALÇADOS

Em abril deste ano, a produção brasileira de calçados registrou queda de 7,8% sobre março, e de 3,6% ante igual mês do ano passado. No ano, acumula retração de 7,8%. O saldo da balança comercial do setor, nos primeiros cinco meses do ano, ficou positivo em US\$ 227,6 milhões, com as exportações totalizando US\$ 367,4 milhões, 4,7% abaixo da registrada em igual período de 2015.

CALÇADOS - PRODUÇÃO INDUSTRIAL
(abril/2016)

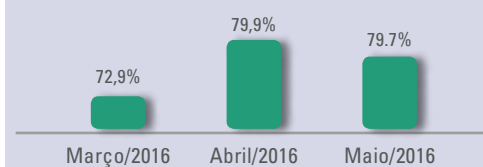
MÓVEIS

A fabricação de móveis registrou queda de 6,4% em abril deste ano sobre o mês anterior, e já acumula, no ano, retração de 15,6%. No comparativo com igual mês de 2015, também houve diminuição de 15,4%. Como o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função das elevadas taxas de juros e restrições ao crédito, entre outros fatores, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. O setor também continua apresentando resultados negativos no mercado externo, tendo registrado, nos primeiros cinco meses deste ano, déficit de US\$ 105,6 milhões na balança comercial.



TURISMO

Segundo a Sondagem do consumidor: intenção de viagem, do Ministério do Turismo (MTur), o percentual de brasileiros que desejam visitar destinos turísticos nacionais, em maio deste ano, atingiu 79,7% do total dos que pretendem viajar nos próximos seis meses. Destes, 54,5% pretendem ficar em hotéis e pousadas e 55,6% devem usar o avião como meio de transporte. A região Sudeste superou a Nordeste na preferência dos turistas brasileiros (35,4% contra 35,2%).

PERCENTUAL DE BRASILEIROS QUE PREFEREM O
TURISMO INTERNO, ENTRE OS QUE PRETENDEM
VIAGJAR NOS PRÓXIMOS SEIS MESES

Artigo



A GERAÇÃO DE EMPREGOS PELOS PEQUENOS NEGÓCIOS, EM 2015, POR SEXO

PAULO JORGE DE PAIVA FONSECA

Analista da UGE do Sebrae NA

Estudo inédito, elaborado pela Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) Nacional, que focou a geração de empregos pelos Pequenos Negócios, em 2015, por sexo, mostra que esse importante nicho de empresas contratou número bem mais expressivo de trabalhadores do que as Médias e Grandes Empresas (MGE), naquele ano. Enquanto as MGE contrataram, em 2015, 4,43 milhões de trabalhadores do sexo masculino, os Pequenos Negócios admitiram 6,46 milhões, ou seja, 45,8% a mais. Em relação à mão de obra feminina, as MGE contrataram 2,7 milhões, enquanto os Pequenos Negócios empregaram 4,1 milhões (33,2% mais).

O número de demissões, por sua vez, também foi expressivo nos Pequenos Negócios, tanto de mão de obra masculina quanto feminina. Porém, como a diferença entre contratações e demissões foi menor nesse segmento de empresas em relação às MGE, os saldos negativos de emprego nestas últimas superaram em muito os saldos das Micro e Pequenas Empresas (MPE), o que fez com que estas fechassem 2015 com demissões líquidas de 140,6 mil trabalhadores e 78,8 mil trabalha-

“
No Brasil, em 2015, apenas 10 das 27 Unidades da Federação (UF) registraram saldos positivos de geração de empregos, para homens e mulheres

doras, enquanto nas MGE esses quantitativos foram de, respectivamente, 925,8 mil e 390 mil.

Na visão setorial, os únicos setores em que os Pequenos Negócios apresentaram saldos positivos na geração de empregos, em 2015, foram os de serviços, agropecuária e Serviços Industriais de Utilidade Pública (Siup), destacando-se o de serviços, com criação líquida de 87,8 mil vagas para homens e 79 mil vagas para mulheres. Nos de-

mais setores, as MPE registraram saldos negativos, ou seja, mais demitiram do que contrataram, com a indústria da transformação tendo computado o pior desempenho: fechamento líquido de 128,3 mil vagas para homens e 86,6 mil vagas para mulheres.

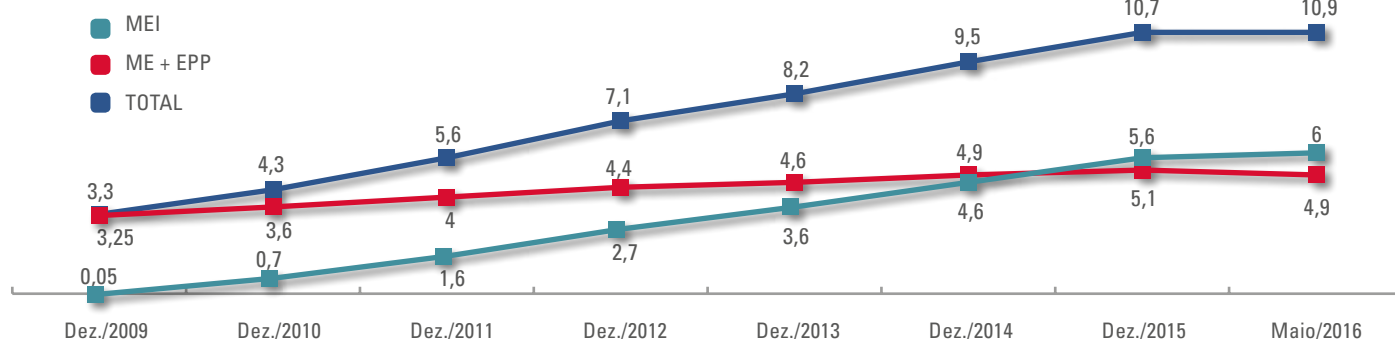
A região Sudeste foi onde os Pequenos Negócios registraram os maiores saldos negativos de empregos, tendo havido demissões (líquidas) de quase 100 mil trabalhadores e 64,6 mil trabalhadoras, em 2015. Na contramão, destacou-se a região Norte como a única em que os Pequenos Negócios experimentaram saldos positivos, tanto de mão de obra masculina quanto feminina (+3,7 mil e +2,4 mil, respectivamente).

No Brasil, em 2015, apenas 10 das 27 Unidades da Federação (UF) registraram saldos positivos de geração de empregos, para homens e mulheres. Foram elas: Goiás, Alagoas, Piauí, Ceará, Maranhão, Acre, Roraima, Tocantins, Amazonas e Pará. Destas UF, apenas uma pertence à região Centro-Oeste, quatro à região Nordeste e cinco à região Norte.

O estudo completo está disponível no portal do Sebrae, na área de Estudos e Pesquisas.

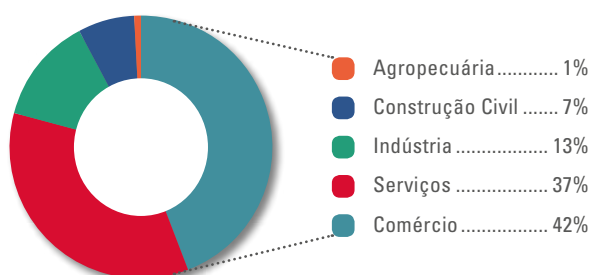
PEQUENOS NEGÓCIOS NO BRASIL

EVOLUÇÃO DOS OPTANTES PELO SIMPLES NACIONAL (em milhões)

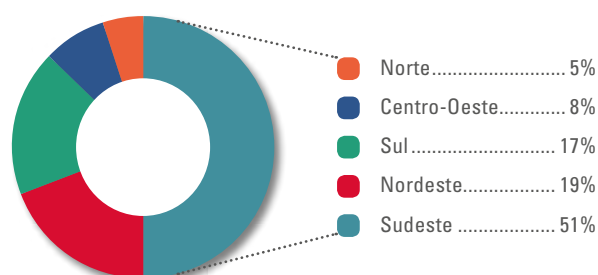


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB)

CONCENTRAÇÃO POR SETOR



CONCENTRAÇÃO POR REGIÃO



Fonte: Secretaria da Receita Federal – Maio/2016.

ESTATÍSTICAS DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO(A):	ANO	PARTICIPAÇÃO (%)	FONTE
PIB brasileiro	2011	27,0	SEBRAE/FGV
Número de empresas exportadoras	2014	59,4	FUNCEX
Valor das exportações	2014	0,82	FUNCEX
Massa de salários das empresas	2013	41,4	RAIS
Total de empregos com carteira	2013	52,1	RAIS
Total de empresas privadas	2015	98,2	SEBRAE
OUTROS DADOS SOBRE OS PEQUENOS NEGÓCIOS	ANO	TOTAL	FONTE
Quantidade de produtores rurais	2015	4,7 milhões	PNAD CONTÍNUA
Potenciais empresários com negócio	2015	11,6 milhões	PNAD CONTÍNUA
Empregados com carteira assinada	2013	17,0 milhões	RAIS
Remuneração média real nas MPE	2013	R\$ 1.485,00	RAIS
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2013	R\$ 24,4 bilhões	RAIS
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	FUNCEX
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2014	US\$ 2 bilhões	FUNCEX
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2014	US\$ 179,4 mil	FUNCEX

Obs.: 1. Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

2. Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

3. Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.